

FICÇÃO

Uma vela no altar da música

Oiça-se uma missa de Bach, e logo um sentimento de paz e serenidade nos ilumina o espírito. A música quando reproduzida no limite da perfeição pode ser um factor determinante de pacificação interior. Só haverá paz no mundo quando todos os homens estiverem em paz consigo próprios

por um conjunto de referências que formam um mapa cognitivo comum. Neste contexto, o amplificador a válvulas tornou-se um objecto de culto para gerações sucessivas de iniciados nas artes do som, acabando por ganhar o estatuto de mito e colocando-se assim ao abrigo do arbítrio da sociedade de consumo. O mito não tem princípio nem fim: a sua origem perde-se no tempo, como ensinou Lévy-Strauss, logo o mito não está igualmente sujeito aos efeitos perversos da sua passagem.

Na era do digital, o amplificador a válvulas continua a ser idolatrado, por razões nem sempre passíveis de explicar racionalmente – como convém aos mitos –, e praticam-se, ainda hoje, rituais em sua honra, que pretendem esconjurar os males da obsolescência. Rituais imutáveis que se repetem no tempo de forma circular, segundo o ritmo cíclico da própria natureza, por oposição ao tempo linear, que nas sociedades modernas aponta sempre no sentido do futuro, obrigando a constantes mudanças no presente sem respeito pelo passado.

A fé inabalável dos audiófilos na superioridade do som dos amplificadores a válvulas soube resistir ao longo dos tempos. Por oposição à força bruta do transistor, a luz quente e suave das válvulas confere ao ouvinte uma paz interior, como se ele cogitasse frente à lareira, sem pressas, dando tempo ao tempo, apenas deixando que o ritual da «queima das velas» se cumpra para que a bondade musical da divindade se possa manifestar em toda a sua glória. A «válvula pura» busca o consenso quando envolve todos os sons no mesmo abraço longo, enquanto o toque dos seus dedos luminosos massaja a alma do ouvinte, deixando-a num estado de dormência langorosa.

Quando os tríodos se iluminam como uma árvore de Natal, ouve-se primeiro o sussurro do sopro morno, que nos deixa com pele de galinha, depois a sala enche-se pouco a pouco de som: a resposta ao mais rápido dos transitórios é tão imediata que redefine o conceito de «momento» no tempo e no espaço musical; as notas surgem furtivas e desaparecem deixando um vácuo de silêncio puro que é preenchido pelas notas seguintes, numa sucessão alucinante de momentos únicos, que se entrelaçam num movimento perpétuo e encantatório de sons individualizados, personalizados, distintos. A empatia entre o ouvinte e a música é total – o homem está finalmente em paz consigo próprio. E com o mundo. €

jvhsom@netcabo.pt

TEXTO DE JOSÉ VICTOR HENRIQUES

A TECNOLOGIA DIGITAL TEM EVOLUÍDO DE forma assustadora, arrasando à sua passagem tudo o que a musa antiga canta, deixando muitos de nós, audiófilos, indefesos perante o avanço do progresso.

Numa época em que tudo é relativo e transitório, a constante inovação e o tempo de vida limitado dos produtos parece ser a única condição de sobrevivência do sistema, criando ansiedade no espírito dos consumidores. O ritmo da economia impõe uma constante mudança, de tal forma que a mudança se confunde agora, paradoxalmente, com a própria rotina.

Neste contexto, há audiófilos que preferem refugiar-se nos valores da tradição, suportada



Z.

Seja responsável. Beba com moderação.

Gosta de caça,
como um
bom alentejano.

www.caves-alianca.pt

Quinta da Terrugem

